

# Os recursos humanos não chegam para tudo, mas uma das qualidades do nosso corpo docente é a disponibilidade

(Continuação da pág. 14)

tos alunos que fizeram o secundário em ciências e tecnologias recorrem depois a cursos que aparentemente têm pouco a ver com isso. É uma realidade com que nos devemos confrontar. Precisamos de ter formação de base sólida que permita enveredar por determinados ramos ou especializações. É uma estratégia que me parece correta, permitir que alunos que frequentam determinadas áreas possam seguir por cursos diferentes no ensino superior. Temos é que apostar numa base sólida.

## RFF – E DAR-LHES LIBERDADE TAMBÉM PARA ESCOLHEREM O QUE QUEREM FAZER.

AP – Sem dúvida. Que direito tem seja quem for de limitar a escolha de quem quer aceder a um curso que, à partida, pode não ter grandes garantias de saída profissional, mas que é a opção de vida de uma pessoa?

## RFF – OS ALUNOS RECEBEM ORIENTAÇÃO VOCACIONAL?

AP – A escola secundária contava com uma psicóloga e a escola básica, com outra. Neste momento, temos uma psicóloga para mais de dois mil alunos, o que dificulta imenso o trabalho de orientação. De qualquer forma, podemos contar com uma profissional muito dedicada que faz orientação em paralelo com outros meios que fomos criando. Nomeadamente, na escola secundária, criámos um gabinete onde a psicóloga e profissionais ou estudantes universitários vão trabalhando em regime de estágio, dando orientação aos alunos que a solicitam.

## RFF – A FORMAÇÃO DE UM AGRUPAMENTO LEVANTA PROBLEMAS...

AP – Cada instituição tem uma idiossincrasia, da qual



António Pereira sublinha a proximidade com a comunidade educativa

nem sempre é fácil abdicar. A criação dos agrupamentos significa, em muitos casos, perder autonomia, uma forma de estar e de agir. Isso cria tensões que demoram tempo a esbater. Neste momento, há uma tentativa de nos percebermos e percebermos o nosso modo de estar, para que possamos construir algo de diferente.

## RFF – AO CONTRÁRIO DO QUE ACONTECEU COM OUTRAS ESCOLAS DO CONCELHO, MAXIMINOS NÃO FOI INTERVENCIÓNADA PELA PARQUE ESCOLAR.

AP – Isso significa acumular uma dificuldade com outra que já existia. Mas temos de fazer com que os alunos percebam a qualidade do ensino, aquilo que de bom a escola tem, para que se possam manter dentro do nosso projeto educativo. E é por isso que a escola aderiu ao projeto TEIP (Território Educativo de Intervenção Prioritária), no sentido de criar condições de sucesso. O projeto que temos em vigor chama-se Projeto FREI, que significa fidelizar recursos para encontrar meios que melhorem o sucesso dos alunos. É neste contexto que

procuramos desenvolver o nosso trabalho e propor áreas alternativas: temos o ensino articulado da música no 2.º ciclo e, para o ano, iremos alargá-lo ao 3.º ciclo. Estamos a tentar pôr no terreno o ensino articulado da dança, de modo que possamos ter uma oferta diversificada e elevar o nível de adesão da população que servimos.

## RFF – QUAIS SÃO AS MAIS-VALIAS DA ESCOLA DE MAXIMINOS EM RELAÇÃO ÀS OUTRAS ESCOLAS?

AP – Parece-me que é a proximidade que se tem com a comunidade educativa. Quando digo isto estou a falar dos alunos, das famílias, dos próprios professores que fazem com que possamos desenvolver um trabalho personalizado. A idade mais madura dos alunos permite esse trabalho de maior conhecimento das suas necessidades concretas. Creio que esse é um valor acrescentado no trabalho que desenvolvemos.

## RFF – O NÚMERO DE ALUNOS ESTÁ DENTRO DOS PARÂMETROS NORMAIS?

AP – A escola sente as dificuldades que todas as es-

“  
*Temos o ensino articulado da música no 2.º ciclo e, para o ano, iremos alargá-lo ao 3.º ciclo. Estamos a tentar pôr no terreno o ensino articulado da dança, de modo que possamos ter uma oferta diversificada e elevar o nível de adesão da população que servimos.*

colas sentem. Aqui há uns anos, falava-se de retração na procura do ensino superior. Estamos agora a senti-la logo nos primeiros anos de vida escolar. Evidentemente que a taxa de natalidade tem algum reflexo nesta questão. Ao nível do ensino secundário, a localização geográfica acaba também por se refletir, porque a atração pelo centro continua a ser muito forte. Mas reparem, estamos a falar de cerca de 600 alunos no 1.º ciclo e mais ou menos o mesmo no 2.º e 3.º. Temos tam-

bém oferta formativa para adultos. Este ano tivemos nove turmas de formação de adultos, quase todas de ensino secundário.

## RFF – ISSO TAMBÉM AJUDA À “DIVULGAÇÃO” DA ESCOLA.

AP – Sem dúvida, até porque podemos ter pais e filhos a frequentarem o mesmo espaço de formação. É uma grande vantagem.

## RFF – HÁ ALGUMA ESTRATÉGIA PARA ATRAIR ALUNOS?

AP – As estratégias começam a ser cada vez mais difíceis... mas nós fazemos divulgação junto daqueles que são os nossos potenciais alunos. Ao nível dos primeiros anos, a opção está muitas vezes restringida à escolha das famílias, do local de trabalho e de habitação. Quando avançamos para o 3.º ciclo e para o secundário, aí as opções dos filhos já começam a contar. Pelo menos, já são negociadas com as famílias, e nós temos que investir. Mas esta estratégia não passa simplesmente, no final do ano letivo, pela divulgação do que temos para oferecer. Tem que ser uma estratégia que, ao longo do ano, revele, através da comunicação social, o trabalho desenvolvido.

## RFF – É A IMPORTÂNCIA DO MARKETING...

AP – Cada vez mais, de facto, vivemos num mundo de marketing. Há uns anos atrás, apenas o ensino superior se preocupava com essas questões. Começamos a ter também, ao nível do ensino secundário, essa preocupação, sobretudo quando a oferta permite, no concelho de Braga, a escolha entre cinco escolas do secundário.

## RFF – QUAIS SÃO OS MAIORES PROBLEMAS QUE A ESCOLA ENFRENTA NESTE MOMENTO?

AP – Creio que é a aproximação que tem de ser feita em termos de agrupamento e também a reabilitação das escolas, da recuperação e da readaptação dos dois ou de um dos edifícios. A escola secundária tem 26 anos, a escola Frei Caetano Brandão tem 30. Se é verdade que, em termos de conservação, estão em bom estado, efetivamente não estão adaptadas às necessidades educativas. É um problema que temos que encarar.

Depois, a questão de que já falei: se durante alguns anos o país se preocupou com o acesso de toda a gente ao ensino, neste momento falamos da qualidade do sucesso. A grande aposta, do sistema educativo passa pelo cumprimento dessa exigência: não só que todos frequentem a escola mas que a frequentem com sucesso. Por isso temos a funcionar o projeto TEIP desde a primária até ao 2.º e 3.º ciclos que frequentam a Frei Caetano Brandão.

## RFF – E AO NÍVEL DO SECUNDÁRIO, QUE MEDIDAS TOMARAM?

AP – Ao nível do secundário, temos uma estratégia que procura apoiar os bons alunos (os que têm um ritmo de aprendizagem mais elevado), que podem estar com professores que os acompanham. Os que têm mais dificuldade, deseja-se que possam recuperar e chegar ao ritmo dos outros. Os recursos humanos não chegam para tudo, mas umas das qualidades do nosso corpo docente é a disponibilidade. Posso dizer que, na componente não letiva desses professores, estão incluídas estas horas de trabalho na sala de aula. Portanto, o grande projeto é construir e dar uma resposta eficaz, em termos de aprendizagem, aos alunos que estão no sistema de ensino.